

**“NA AREIA DA CARNE”: POR UMA CLÍNICA PSICANALÍTICA DOS FENÔMENOS PSICOSSOMÁTICOS**

---

MANUELA LANIUS 

Manuela Lanius <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

**RESUMO:** Neste artigo, buscaremos aprofundar nosso entendimento clínico acerca dos fenômenos psicossomáticos como uma escrita direta no corpo, articulando sua distinção dos sintomas enquanto formações do inconsciente, como a psicanálise os concebe. Enfatizaremos o contraste entre essas formações clínicas psicopatológicas e os sintomas enquanto metáfora, abordando hipóteses possíveis para a direção do tratamento.

**Palavras-chave:** fenômenos psicossomáticos; holófrase; sintoma; corpo; psicanálise.

**Abstract: “In the sand of the flesh”: for a psychoanalytic clinical of psychosomatic phenomena.** In this article we will seek to deepen our clinical understanding about psychosomatic phenomena as a direct writing in the body, articulating its distinction from symptoms as formations of the unconscious, as how psychoanalysis conceives them. We will emphasize the contrast between these psychopathological clinical formations and the symptoms as a metaphor, addressing possible hypotheses for the direction of treatment.

**Keywords:** psychosomatic phenomena; holophrase; symptom; body; psychoanalysis.

DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142020001009>

Todo o conteúdo deste periódico, exceto onde estiver identificado, está licenciado sob uma licença Creative Commons (cc by 4.0)

O sintoma, aqui, é o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito. Símbolo escrito na areia da carne e no véu de Maia, ele participa da linguagem pela ambiguidade semântica que já sublinhamos em sua constituição.

LACAN, 1953/1998, p. 282

A escrita, então, é um traço onde se lê um efeito de linguagem.

LACAN, 1972-1973/1985, p. 164

No presente artigo, buscaremos aprofundar o entendimento das consequências clínicas da relação corpo/discurso, enfatizando a distinção dos fenômenos psicossomáticos, concebidos como uma escrita da letra diretamente no corpo e dos sintomas enquanto formações do inconsciente. Nossa pesquisa aponta que os fenômenos psicossomáticos são uma falha na constituição dos significantes, na formação da cadeia, e, portanto, da constituição subjetiva, como apresentaremos no desenvolvimento do artigo, e que requer uma intervenção que produza um corte do significante em holófrase, próprio dos fenômenos psicossomáticos, que oportunize um efeito de sentido que vá, por sua vez, se enlaçar num sintoma, agora passível de interpretação. Pautaremos nosso trabalho pela vertente psicanalítica que compreende a aceitação do corpo como erógeno e de linguagem, estando advertidos de que as vicissitudes dos fenômenos psicossomáticos nos confrontam com os limites de nossa teorização e nos interrogam acerca do alcance de nossa clínica.

Lacan, ao longo de seu ensino, foi tornando cada vez mais presente a delimitação dos fenômenos psicossomáticos como significantes congelados que fazem as vezes de signo e que, por isso, não funcionam como traço. Em 1953, no escrito *Função e campo da fala e da linguagem*, de onde elegemos uma das citações da epígrafe, Lacan ainda não havia delimitado tão precisamente a distinção dos fenômenos psicossomáticos do que são as formações do inconsciente; as próprias bordas da conceituação estavam ainda muito movediças, embora se perceba que havia um esforço de demarcação. Neste período, Lacan fala de “algo que objetiva o sujeito em uma linguagem sem dialética”, na qual os símbolos do inconsciente aparecem sob “formas petrificadas” (LACAN, 1953, p. 281) que não são assumidas pelo sujeito. Ele diz que o “sintoma aqui é símbolo escrito”, é signo que se escreve na carne, “na areia da carne”, e não é, pois, traço inscrito no inconsciente. É letra escrita na superfície corporal, local privilegiado no qual se mostra e se vê o rastro do gozo do Outro, os vestígios, as pegadas da passagem do Outro que não se apagaram, e que não participam da história do sujeito. É um efeito de linguagem, que “inclui o discurso do outro no segredo de seu código” (*ibidem*, p. 282). Este vestígio do Outro é a letra que marca o organismo de modo “letal”, como veio a dizer Lacan em 1964, e que, quando lida, pode engendrar o significante e se apagar da carne, uma vez que o significante, para se inscrever, clama pela contingência.

Se há alguma coisa que possa nos introduzir à dimensão da escrita enquanto tal, é nos apercebermos de que o significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, com a leitura do que se ouve de significante. O significado não é aquilo que se ouve. O que se ouve é significante. O significado é efeito do significante. (LACAN, 1972-1973/1985).

Os fenômenos psicossomáticos, que aqui chamaremos pela sigla FPS, apresentam-se de modo diverso das conversões histéricas, nas quais o salto do psíquico para o somático ocorre a partir de uma vivência que adquire valor de trauma e desemboca num acontecimento de corpo que, por sua vez, se inscreve numa cena fantasmática. Os FPS, em contrapartida, se manifestam a partir de um ponto na estrutura que funciona por fora da lei do significante e isso desemboca num acontecimento de corpo, este que, a seu turno, não se inscreve numa cena fantasmática. No fenômeno psicossomático, não há a conversão da angústia em sintoma, mas uma percepção como trauma de fato, que não encontra representação e que se mostra pela via da erupção direta no corpo, rompendo a rede da cadeira simbólica sem o alarme da angústia.

Os FPS são tipos<sup>1</sup> específicos de acontecimentos de corpo que ora se mostram permanentes, ora aparecem e desaparecem, em virtude de algum episódio que não se liga à história do *falasser*. Instalam-se paralelos à estrutura (LACAN, 1955-1956/1988), visto que não é raro que pacientes neuróticos em análise retenham algo que não alcança a fala e que tampouco é atuado em transferência, apresentando o que se chama de respostas psicossomáticas.

---

1 Tipo: letra impressa, resultante de composição tipográfica ou fotocomposição. [caractere, letra, letra de imprensa, letra de fôrma, letra redonda]. Coisa que reúne em si os caracteres distintivos de uma classe, símbolo. Exemplar, modelo. Fonte: Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa. Versão 1.0, 2009.

## “Na areia da carne”: por uma clínica psicanalítica dos fenômenos psicossomáticos

Um sintoma tal como uma erupção, diversamente qualificada dermatologicamente, da face, se mobilizará em função de tal aniversário, por exemplo, de maneira direta, sem intermediário e sem dialética alguma, sem que nenhuma interpretação possa marcar sua correspondência com alguma coisa que seja no passado do sujeito. (LACAN, 1955-1956/1988, p. 352).

Especificamente, a principal característica dos FPS é o congelamento da primeira dupla de significantes: a holófrase. Optamos pelo uso da sigla FPS por denotar o fato de que estes fenômenos possuem a característica de uma aglutinação de letras que marcam o corpo na forma de gozo. O significante fixado não se desloca e tampouco pode ser trocado por outro como na metáfora, sendo inviável uma interpretação (LACAN, 1964/1998). O congelamento dos significantes interrompe o deslizamento na cadeia, fazendo cessar a representação de um sujeito de desejo.

Os FPS se dão a ver no Real do corpo e conotam uma espécie de mimetismo especular em suas marcas: “o psicossomático é algo que, de todo modo, no seu fundamento, está profundamente arraigado no imaginário” (LACAN, 1975/1998, p. 14), bem como revelam um signo que não tem sentido algum para o sujeito (LACAN, 1955-1956/1988). Lacan nos alertou para o resto de Real que permanece inacessível à fala enunciativa que viria do eu e até mesmo dos tropeços inconscientes, embora seja constituinte do enodamento que sustenta um sujeito (LACAN, 1975-1976/2007). Esse resto, o gozo, fica apenas interdito: apesar de não poder ser enunciado, ele é dito nas entrelinhas, e jamais completamente interdito, ou seja, o gozo não se extingue.

Tais signos mostram a presença do rastro da percepção de um evento do Outro, evento que entendemos como traumático, um acontecimento a partir do qual o sujeito se vê privado de responder ao laço social, provocando um mecanismo de repetição como tentativa de assimilação do evento. O que é da ordem do trauma, para Freud (1920/2010), é uma ruptura para a qual o sujeito não teve trabalho psíquico suficiente para a elaboração da perda, um rompimento singular que deixa algo da sua possibilidade enunciativa à margem, como se o *fallasser* permanecesse aprisionado num tempo de susto que suprime os afetos, perante o imensurável que impede possibilidades de assimilação. O corpo próprio, nos casos nos quais se apresentam os FPS, sofre como corpo de um outro.

Nossa acepção, que converge com Lacan (1975/1998) e seus comentadores, seria que tais fenômenos comprovam uma carência de representações (GUIR, 1988; WARTEL *et al.*, 2003; ALBERTI; RIBEIRO, 2004; RAMIREZ; ASSADI; DUNKER, 2011; MILLER *et al.* 2012; RINALDI; NICOLAU; PITANGA, 2013). Costa (2014) nos ensina que a proposta, no âmbito da clínica do traumático, seria a de construir pontes como vias de deslocamento, retirando o sujeito da sideração na ruptura traumática. Esta proposta nos auxilia na direção do tratamento, se compreendermos que as pontes de que fala Costa podem ser construídas através da leitura da letra. Essa leitura poderia lograr que esse ponto sem lei, sem a lei do significante, seja incorporado por esta, e perca a potência em sua inserção corporal. A partir disto, como salientam Manso e Caldas, “há, então, um produto da leitura da escrita que varia de sujeito para sujeito. As ressonâncias do que foi lido de significante gerará significados diversos” (MANSO; CALDAS, 2013, p. 113).

Concebemos, desde Lacan (1975/1998), que os fenômenos psicossomáticos não dispõem de um sentido a ser revelado, mostrando talhe ilegível, impassível de decifração – não se inserem em contexto algum. São um indício de uma experiência passiva não recalcada, sem inscrição simbólica, mas que repercute como eco no corpo de uma mensagem que permanece errante. Há a evidência da passagem do Outro como rastro não apagado, sendo preciso, portanto, um percurso retroativo pela linhagem do analisante, na busca dos significantes que advêm do Outro Primordial.

### **1 POSSIBILIDADES DE ENDEREÇAMENTO**

No intuito de detalharmos as conjecturas que anunciamos, partiremos das abordagens de Lacan, que podem ser apontadas por três vetores que, a nosso ver, não se dispensam entre si. Esses três segmentos de elaboração compartilham o pressuposto que adentraremos as margens do real para encontrarmos a morada dos FPS (RINALDI; NICOLAU; PITANGA, 2013).

Uma primeira orientação foi dada por Lacan: os fenômenos psicossomáticos se localizam num campo fronteiro entre a neurose e a linha do narcisismo. Lacan nos diz, literalmente, que, embora “a neurose está sempre enquadrada pela estrutura narcísica”, a psicossomática “está além, num outro plano” (LACAN, 1954-1955/1985, p. 127). O autor segue buscando deixar claro que este outro plano “não é o plano das relações de objeto”, e que “as relações psicossomáticas estão no nível do real” (*idem*).

Tomamos a pesquisa de Vegh como direcionamento importante para nossos estudos, na qual ele aponta que, a partir da escrita dos nós, Lacan tornou visível que o Imaginário contém em si um “osso” de real que lhe

dá consistência, deixando de aparentar ser apenas uma superfície. Vegh sublinha a importância do objeto olhar como modo privilegiado de sustentar os encontros e desencontros do *falasser* com o outro e, consequentemente, a fotografia de si que o outro lhe devolve. “A localização que Lacan dá ao *objeto a* nos adverte de que o osso do Imaginário já não é só uma lâmina, ele oferece consistência” (VEGH, 2005, p. 24).

Por essa via, o estádio do espelho para a constituição do eu na sua relação com o outro seria o período no qual se daria a falha que deixa algo do corpo fora do alcance da sua formação imaginária. Seriam investimentos auto-eróticos, ou seja, intra-orgânicos, que não são abarcados pela construção do sintoma neurótico (LACAN, 1954-1955/1985). Uma parte do corpo que não se reflete no espelho, ponto cego a si mesmo, ao que o Outro não lhe devolve sua imagem. Deste modo, pode ocorrer uma falha no processo de estruturação fantasmática, ocasionando que parte do corpo não só não ficaria coberta pela linguagem – inapreensível pela fala – como também restaria fora da moldura do fantasma.

Assim, é frequente que o paciente não dê importância à lesão que lhe acomete, não falando sobre o incômodo que esta lhe causa e, muitas vezes, sequer busca auxílio médico por iniciativa própria. Do mesmo modo que suas lesões não lhe dizem respeito, o paciente em tratamento analítico se porta, na maioria das vezes, indiferente às intervenções do clínico. Algumas interpretações, ainda, têm o mau êxito de serem recebidas pelo paciente como um aprendizado a ser adquirido, mas que não se associa ao que vinha narrando ou ao que havia dito de forma idêntica em sessões anteriores.

Dá-se a ver, pois, uma marca, que busca trazer essa parte à margem para a integridade do corpo, tornando-se presente. De todo modo, as possibilidades de representações de um sujeito e do que passa em seu corpo são sempre insuficientes e inapreensíveis, dando lugar para uma continuidade da narrativa com suas pontuações.

Tal montagem, ao ser vista, deixa de ser sem-corpo, ou seja, o corpo ainda assexuado faz a tentativa de se engendrar a partir da escrita da lesão, ao que, então, pode vir a ser falada caso se dê um endereçamento desta letra escrita para um leitor que ocupe o lugar de sujeito suposto saber. A construção do signo que se efetiva na leitura da letra que marca o organismo, por sua vez, pode ser pensada como tentativa de cobrimento do corpo pela linguagem. Assim, as lesões, deliberadas ou não, como os cortes e FPS, requerem uma narrativa que faz o papel de ponte de deslocamento, para poder vir a integrar o campo epistêmico do sujeito, como um texto que se autoriza a ler, compondo a textura corporal que passa a formigar sobre o corpo, como uma “linguagem que se situa e se imprime” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 73-74).

Como uma segunda via de desenvolvimento, temos a indicação do fenômeno da holófrase, que coloca em vigência o valor do significante. É no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* que encontramos esta referência norteadora:

Chegaria até a formular que, quando não há intervalo entre  $S_1$  e  $S_2$ , quando a primeira dupla de significantes se solidifica, se holofraseia, temos o modelo de toda uma série de casos – ainda que, em cada um, o sujeito não ocupe o mesmo lugar. (LACAN, 1964/1998, p. 225).

Neste seminário, Lacan se deteve na formação da holófrase e da afânise para conjecturar acerca dos FPS. Nossa ideia, embasados em Lacan, seria que um significante do campo do saber inconsciente ( $S_2$ ) não se inscreveu em cadeia, ou, dito de outro modo, um significante falta na cadeia, pois ficou retido fora do conjunto das inscrições simbólicas, o que funda uma falha no campo epistêmico do sujeito, ou, como diz Lacan (1966/2001) com seu neologismo, uma “falha *epistemossomática*”, impedindo, assim, os processos de recordar, repetir e elaborar. Esse significante, contudo, aparece em outro lugar: colado ao  $S_1$ , que ordena a cadeia. O intervalo faltante deixa o sujeito amputado na sua representação.

Lacan assinalou, portanto, que os FPS são efeitos da holófrase. Ele os correlaciona a uma inscrição originária ou impressão direta de um conflito no sujeito enquanto ser corpóreo. Por seu efeito, o *falasser* permanece preso no autoerotismo, inviabilizando uma relação de objeto, ou seja, não se dá a queda do *objeto a* (LACAN, 1954-1955/1985). Observa-se um núcleo isolado após eventos de valor traumático, que se caracteriza por uma fala na sua concretude, certo embotamento afetivo e dificuldade de abstrações próprias de pensamentos operatórios que não são capazes de construções de raciocínio para além do que se expõe na superfície. Assim, as formulações e constatações metafóricas se demonstram debilitadas, o que clinicamente indica que os pacientes que respondem através de um fenômeno psicossomático mantêm uma carência psíquica.

A formação da holófrase é uma operação concernente a uma lógica de discurso a que submerge o sujeito. Há uma falha, uma ruptura na cadeia significante, ocasionando que, no momento da chamada do significante *Nome-do-Pai*, o *falasser* não pode responder, senão, com a dupla de significantes acoplada, que forma um significante solidificado. O FPS, que pode eclodir em qualquer estrutura, é compreendido no processo de alienação e separação, conforme lemos:

## “Na areia da carne”: por uma clínica psicanalítica dos fenômenos psicossomáticos

A psicossomática é algo que não é um significante, mas que, mesmo assim, só é concebível na medida em que a indução significativa, no nível do sujeito, se passou de maneira que não põe em jogo a *afânise* do sujeito. [...] Se falarmos de psicossomática é na medida em que deve aí intervir o desejo. E no que o elo do desejo é aqui conservado, mesmo se não podemos dar conta da função *afânise* do sujeito. (LACAN, 1964/1998, p. 215).

A citação acima nos provoca uma interrogação: a afânise do sujeito está ou não colocada em jogo? Embora esteja dito de forma muito clara e precisa por Lacan neste parágrafo que citamos acima que nos FPS a afânise não é acionada, cremos pertinente distinguirmos o termo afânise nas suas duas concepções possíveis, pois pensamos que ambas podem ser exploradas para a compreensão do fenômeno e, por este motivo, iremos relacioná-las. Outrossim, situaremos o emprego deste termo por Lacan neste contexto do seminário de 1964, no qual ele relacionou o termo afânise como um movimento de presença e ausência do sujeito, sua dupla causalidade, seu binarismo, como produto do deslizamento da cadeia significativa, o *fading* do sujeito.

Nossa hipótese é que uma interpretação possível seria a de que estritamente nos FPS, no momento da supressão do intervalo, há o apagamento do sujeito – e aqui valeria o termo proposto por Jones: a afânise como apagamento ainda mais radical – não colocando em causa o processo lógico de alienação e separação e, desse modo, não se dá a queda do objeto causa de desejo. A presença da holófrase extingue a operação dinâmica de alienação e de separação, a escolha de posicionamento e, portanto, a possibilidade do sujeito desaparecer de uma posição para poder emergir em outra. Compreendemos que a frase de Lacan acima citada – “...*que não põe em jogo a afânise do sujeito*” – refere que não põe em jogo a escolha forçada por um significante que castra. Tal explanação contribui para concluirmos que o congelamento da primeira dupla de significantes apaga o sujeito e, assim, faz-se imprescindível a intervenção do desejo como causa que oportuniza o sujeito a emergir. Lacan sublinha que “*o elo do desejo é aqui conservado*”, o que sinaliza que há uma possibilidade de um retorno à cadeia associativa.

Ao nosso entender, o congelamento dos significantes interrompe a marcha discursiva do *fallasser*; bem como impede o barramento do Outro. Assim, não haverá um significante que falte ao Outro e por efeito imediato, não se efetiva o barramento do sujeito e menos ainda, a sua representação permanecendo atrelado ao *objeto a*. É por essa via que se pode falar em autoerotismo: porque, no instante da holófrase, o sujeito se torna equivalente ao objeto. Deste modo, ao relacionarmos as duas vertentes do conceito de afânise, avançamos na compreensão do fenômeno. Não há, pois, a queda do objeto, ao que Lacan convocou uma intervenção pela via do desejo, como única intervenção possível, como modo de provocar a falta e um deslizamento do objeto, descongelando, desta forma, a holófrase, e, ao mesmo tempo, abrindo a possibilidade de representação subjetiva. O desejo aqui convocado nos serve, também, como ponte de deslocamento.

De acordo com Lacan, em seu escrito *Posição do inconsciente* (1960/1998), a separação realiza uma torção topológica do sujeito e o projeta no instante do fantasma ( $\$$  à *a*) (sujeito barrado – punção – *a*), tornando-o sujeito barrado, dividido, efeito de dois significantes; abandonando, assim, a sua determinação pelo desejo do Outro. Descola o *S* do *pequeno a*, instaurando a fantasia do objeto perdido. Lacan (1964/1998) se dedicou ao tema da alienação e da separação, trazendo-nos uma pergunta essencial para o desenrolar do processo: “Pode ele me perder?” Pergunta essencial, pois retira o sujeito de uma certeza mortal de que o Outro deseja mesmo a sua perda, reservando-o da obediência ao suposto desejo do Outro.

Essa separação se funda na interseção de dois conjuntos, como um produto que resta do que é deixado para trás. O *vel* da alienação é, portanto, uma escolha de um campo que não é um sem o outro. Lacan desenvolveu o *vel* da alienação, que se define pela escolha forçada entre a bolsa ou a vida. Nós o citamos: “A bolsa ou a vida! Se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa, isto é, uma vida decepada” (LACAN, 1964/1998, p. 201). Parafrazeando Lacan, diríamos que, nos casos nos quais há FPS, estaria em jogo algo como “a fala ou o padecimento”, “a fala ou o pior”, uma vez que, para transmitir o que se passa no seu corpo, é preciso que o paciente entre em associação livre, para, assim, possibilitar que possa dar contorno significativo, fazer bordas ao inefável (LACAN, 1972-1973/1985). A palavra é, pois, como um *dom* que necessita ser ofertado ao outro do qual se atribui um saber suposto, sendo “o endereçamento o que constitui as condições de possibilidade de registro e circulação de uma produção” (COSTA, 2014, p. 133).

O sujeito, nesta vida sem bolsa, fica com algumas moedas, segundo Dvoskin. Algumas moedas que lhe servem para intercâmbio, de outras se padece.

El sujeto confrontado con el dilema de “la bolsa o la vida”: abandona la bolsa para tener la vida, accede al deseo con el costo de perder algunos goces. Esa operación, sin embargo, no es sin llevarse algunas monedas de la bolsa, sin algún contrabando. Es la vía para poder quedarse con los goces que suplen el Goce que no

hay por efecto de haber perdido la bolsa. (DVOSKIN, 2017, p. 65).

Desde Freud (1915a/2010), entendemos que a pulsão fará seu trajeto ao redor dos objetos pulsionais que se destacam do corpo. Sem esse objeto que cai do corpo *do falasser*, a pulsão corre desordenada, esburacando. O que Lacan chamava de domesticação do gozo é a libido que se localiza no entorno do *objeto a*.

Se, no FPS, a afânise não é colocada em jogo ainda que haja a indução significativa, entendemos que o que se coloca em jogo não é uma experiência subjetiva, mas a injunção de uma resposta imediata pela via do real a uma evocação emitida pelo Outro. Lembramos o experimento de Pavlov mencionado por Lacan em 1964, no qual conferimos a indução significativa, mas não uma posição dialética do desejo. Há, portanto, a indução significativa, pois a salivação não se inicia na visualização do alimento, mas pelo signo que se refere ao alimento. Isso, pensamos, só é possível como a instauração de uma linguagem e por intervenção do Outro.

Entendemos a holófrase como indizível, que se manifesta ao se dar a ver pela lesão. Esses signos marcam na superfície do corpo, “na areia da carne”, rastros da permanência do Outro enquanto tentativa de conservação da unidade com o Outro. Dão testemunho da ausência da divisão do sujeito nessa colagem ao significativo do recalque originário, e que não está apagado, tal como está o traço unário.

A psicossomática está, portanto, afastada do domínio do representante da representação, do significativo, pois, como assegurou Lacan, a “psicossomática não é um significativo” (LACAN, 1964/1998, p. 215). O sujeito, em um tempo de função de afânise no que concerne ao aparecimento e desaparecimento, não está em causa na psicossomática. No tempo em que se forma o FPS, o sujeito está apagado, e, nesse aspecto, o termo de Jones está, ao nosso ver, adequado. Apesar da crítica que fez à definição de Jones da afânise como desaparecimento do desejo, Lacan (1964/1998) o retifica para acentuar que o desaparecimento de que se trata é um desaparecimento letal.

Fazendo as vezes de signo, o fenômeno psicossomático comporta algo do símbolo, pois cola o significativo e o significado numa única dimensão. Isso pode ser conferido no corpo remetido à Medicina, na busca de encontrar um diagnóstico que dê um nome para o fenômeno. Percebe-se, nesses pacientes, uma aderência maciça ao discurso médico, do qual encontram dificuldade para se desvincular, reafirmando um compromisso com a ciência que compromete sua própria enunciação.

Se tomarmos o símbolo como pertencente a um sistema, poderemos encontrar um acesso de ordem lógica para abordá-lo. Um fenômeno psicossomático corresponde a uma constelação de signos comprometidos entre si, ao passo que ele sozinho não corresponde a nada. Isso reitera a necessidade de encontrarmos uma referência a algum evento na história familiar do sujeito, um universo que abarca para além de sua própria história.

Uma terceira abordagem de entendimento dos fenômenos psicossomáticos pode se dar pela via do gozo, conforme Lacan ensinou na *Conferência de Genebra sobre o sintoma*, como podemos citar: “É por esse viés, pela revelação do gozo específico que há na sua fixação, que é preciso sempre visar abordar o psicossomático” (LACAN, 1975/1998, p. 17). Amparados no seminário *Mais, ainda* (1972-1973/1985), supomos que esse modo de gozo específico que Lacan menciona na *Conferência de Genebra*, é o gozo do corpo do Outro. De acordo com tal conferência, a lesão na carne busca atender a um esvaziamento de gozo pelo canal aberto no local lesionado.

Inexprimível pela via da fala, o FPS concerne a uma escrita que Lacan, nessa conferência, veio a chamar de hieróglifo. Contudo, não devemos confundir com os hieróglifos dos sonhos conforme Freud os concebeu, mas como uma ideia criptografada, que alude a uma assinatura, e que se apresenta inteira e presa num invólucro, como um cartucho<sup>2</sup>. Nesse período, Lacan, então, deu título de hieróglifo a uma letra que corresponde mais a uma cifra de gozo sob a configuração de traços escritos no corpo para “não se ler”, como assinaturas, ou seja, um nome escrito de forma única que identifica o autor, mas se conserva ilegível.

Parece-nos que uma possibilidade de trabalho do analista seria que ele mesmo colocasse em palavras o que vê, para que o paciente escute e consiga remeter a estas palavras uma ambiguidade de sentido, formação que dará chance para uma dialetização e possível passagem para a inscrição de significativo que formaria sintoma, que, mais adiante, entraria no domínio da decifração. É um trabalho um tanto anterior ao trabalho analítico propriamente dito, mas que o visa e o permite operar.

As palavras enunciadas pelo analista que lê as letras impressas no corpo já foram, em algum ponto da análise, ditas pelo analisante como representantes do Outro, sem, contudo, associações à lesão. Esse modo do sujeito representar o Outro, todavia, não deixa de ser uma representação de si, ainda desarticulada como

---

2 De acordo com Luiz Forbes, que faz uma nota de tradutor: “Nas inscrições em pedra dos hieróglifos egípcios, destacava-se uma série de sinais separados do resto da escrita, com traços que os envolvia de forma oval ou retangular. Eram os cartuchos que continham os nomes de faraós e serviram a Champollion para a sua decifração” (WARTEL *et al.*, 2003, p. 27).

significante, mas presentificada pela lesão.

Trabalho no qual o analista empenha seu desejo e persistência numa posição de escuta, pois muitos pacientes que apresentam FPS mantêm forte resistência à entrada na transferência, restringindo-se a poucas palavras ou a um relato invariável sobre sua doença e os desdobramentos dos tratamentos médicos que se mantêm ineficazes (RINALDI; NICOLAU; PITANGA, 2013). Alguns pacientes permanecem por longo tempo em silêncio, ou ocorre de conduzirem uma passagem abrupta de um relato a outro, sem qualquer ligação ou associação que eles possam inferir. Mesmo nessas condições, não deixam de comparecer às sessões, adotando para si o discurso científico; esse que, embora tente simbolizar algo do Real como inscrição de conhecimento na cultura, não deixa espaço para que emergja um sujeito de desejo.

## 2 LIMITE HETEROGÊNEO

Depreendemos que as aparições dos FPS estão num limite heterogêneo. Esse limite, fronteira que divide campos que não fazem relação recíproca, como mar e terra, foi chamado de *litoral*, como elaborou Lacan em *Lituraterra* (1971).

O que vem a fazer litoral entre o saber e o gozo, Lacan situa nesse texto como letra, marcando nitidamente a distinção entre significante enquanto polissêmico e letra como literal e que faz uma função de escrita do que restou não inscritevel do significante. Aqui, a letra seria, então, o que insiste paralela à cadeia metonímica na tentativa de fazer uma inscrição. De acordo com a nossa leitura, assim como as pesquisas de Manso e Caldas, “Lacan vai reservar o termo ‘signo’, assim como ‘letra’ para o gozo — mas ambos, nessa função, não apontam ao vazio, e sim ao gozo em sua positividade” (MANSO; CALDAS, 2013, p. 119), o que aproxima nosso entendimento de que a escrita da letra no corpo condiz com o gozo específico da psicossomática.

A escrita, de acordo com Lacan, é algo que se apresenta sob sua forma “literal ou literária”. Tal como a letra, que devemos tomá-la “ao pé da letra” (LACAN, 1957, p. 498). O literal é o que é, não traz dúvida. Seria o gozo em estado puro, primordial, resguardado de qualquer sentido oculto ou aparente; dito de outro modo, não faz semblante. Concordantes, nos guiamos por Braunstein, que fez uma relação das inscrições de gozo ao que Freud propôs na *Carta 52*. A ordem das inscrições não é facultativa, mas autoritária, como a letra. De acordo com Braunstein, os estágios do gozo se ordenam sucessivamente como: “1) o do gozo primordial, 2) o de seu ciframento ou escritura e 3) o de seu deciframento inconsciente” (BRAUNSTEIN, 2007, p. 185).

Retomando, então, *Lituraterra*, conferimos a importância da rasura como tempo de inscrição simbólica: “É isso que do litoral faz terra” (LACAN, 1971/2009, p. 113), tornando-se homogênea na cadeia subjetiva. A partir da rasura, o apagamento do signo, um sujeito aparece, em sua única condição de existir, enquanto sujeito dividido, por entre dois significantes. Lacan nos trouxe a ideia de ravinamento<sup>3</sup> gerado pela letra, no estado de resto indissolúvel, conforme entendemos esta frase de *Lituraterra*: “É pelo mesmo efeito que a escrita é, no Real, o ravinamento do significado, aquilo que choveu do semblante como aquilo que constitui o significante” (LACAN, 1971/2009, p. 22). Compreendemos esse efeito de ravinamento como um rasgo que marca a terra como um sulco. Um traço que se finca no corpo quando o gozo escoar em seu excesso. A letra afeta a economia de gozo como falta, dando chance para que algo da ordem do desejo possa se sustentar.

## 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de seu ensino, Lacan foi reordenando em distintos contextos o que ele cunhou sob o título de letra. Cientes do quanto a letra escapa de uma tentativa precisa de conceituação, não nos propomos refazer o percurso de Lacan a fim de designar uma formulação específica, exaurida ou até mesmo reducionista acerca da letra, mas tentamos fazer uso desse instrumento conceitual no que tange à nossa pesquisa. Aqui, trouxemos a letra na sua conjunção com o corpo, como referente para dar borda ao que abarca os fenômenos psicossomáticos. Buscamos pensar a letra na sua função de escrita no corpo como o que restou do significante e não se inscreveu, na sua função de fixação de um gozo e da conseqüente sustentação do nó borromeano, como suporte material do significante e como litoral entre os registros real e simbólico.

A criptolinguagem enquanto signo, guarda uma espécie de enigma cuja decifração exige uma tábua, jogo de composição que a experiência analítica pode promover através da fala, que, na sua articulação, faz surgir o que antes não existia enquanto significante. A fala em sua livre associação, como palavra dada, trará a distinção antes imprecisa entre o real e o simbólico do que se faz presente no signo. O significante será, então,

3 Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa: Ravinamento: processo de formação de ravina (‘depressão no solo’). Ravina: (barranco) Rúbrica: geomorfologia. 1 escoamento de grande concentração de águas pelas encostas. 2 depressão no solo produzida pelo trabalho erosivo dessas águas de escoamento. Etimologia: fr. ravine (1ª met. sXII) raveine de terre ‘avalanche’; (1388) ravine d’eau ‘torrente de água’; (1616) ‘pequeno barranco’, ‘moldar com força’; f. hist. 1899 ravina.

o suporte material do sintoma neurótico, removendo o sujeito do lugar mortífero que antes ocupara, abrindo possibilidades de polissemia até a possível dissolução dos sentidos.

Conferimos a ressonância do dito do Outro pelo viés do corpo: é um dizer que fica esquecido atrás dos ditos. Todavia, pelo que compreendemos, há uma genealogia, letra escrita em Outro lugar, embora não encontrada no sujeito, mas na sua filiação. Mesmo que fora do campo do simbólico, da mensagem que se transmite pela via de um código, o real também se transmite por *alíngua*, e pertence à estruturação borromeana que sustenta um sujeito, e nosso acesso pode se dar pela via da lógica (LACAN, 1971-1972/1997).

Haveria nos FPS uma compacidade entre sujeito e objeto, aqui entendido como objeto primordial, tal como um denso vazio, um vazio total pertencente a dois (LACAN, 1972-1973/1985). Compacidade de uma memória viva do Outro, mas que fere o *falasser* em suas entranhas.

Vimos que a abordagem dos fenômenos psicossomáticos na clínica psicanalítica não se dá pela via de uma interpretação da metáfora – que não há – mas, sim, pela via de oportunizar uma passagem do registro do escrito, pela via da leitura do escrito criptografado que permanece sem qualquer correspondência com a história do sujeito, ao registro da fala no qual um sintoma se endereça a um suposto decifrador.

A experiência da clínica psicanalítica nos atesta que aquele que vai consultar um analista está colocado na posição de precisar construir um leitor, que possa ser incluído no endereçamento de sua letra, que, antes de tudo, é pulsional. O que significa a possibilidade de encontrar um outro, a quem o sujeito se dirija, que não se posicione com exterioridade ao campo da transferência construída. (COSTA, 2009, p. 21).

Nas palavras de Lacan, “a lesão psicossomática é a letra marcando-se no organismo” (LACAN, 1975/1998, p. 14). Em *Mais, ainda*, seminário cujo título em francês é “*Encore*” e que guarda uma homofonia com o “em corpo”, Lacan ratificou: “A letra, lê-se como uma carta... Lê-se, e literalmente” (LACAN, 1972-1973, p. 39). De acordo com Costa: “Com isso, recortamos dois elementos que concernem à condição da letra, tal qual se apresenta na especificidade de sua abordagem pela psicanálise: a condição de resto e a tentativa de inscrição” (COSTA, 2010, p. 7). A hipótese de uma direção do tratamento seria tornar legível o signo, transformá-lo em uma carta/letra que possa ser remetida a um suposto decifrador. Abrir vias de passagem da aparição do fenômeno para a formação de um sintoma.

**Recebido em:** 20 de julho de 2018. **Aprovado em:** 20 de maio de 2019.

#### REFERÊNCIAS

- ALBERTI, S; RIBEIRO, M. A. C. *Retorno do exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência*. Rio de Janeiro: Contracapa Editora, 2004.
- ALLOUCH, J. *Letra a letra: transcrever, traduzir e transliterar*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 1995.
- BRAUNSTEIN, N. *Gozo*. São Paulo: Escuta, 2017.
- COSTA, A. Litorais da psicanálise. *Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre, n. 197, p. 5-16, 2010.
- COSTA, A. *Tatuagens e marcas corporais: atualizações do sagrado*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- DVOSKIN, H. *El amor en tiempos de cine: ensayo psicoanalítico*. Buenos Aires: Letra Viva, 2017.
- FREUD, S. *Carta 52* (1896). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2011. (Sigmund Freud obras completas, 1)
- FREUD, S. *Más allá del principio del placer* (1920). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2010. (Sigmund Freud obras completas, 18)
- FREUD, S. *Pulsiones y destinos de pulsión* (1915a). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2010. (Sigmund Freud obras completas, 14)
- GUIR, J. *A psicossomática na clínica lacaniana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- LACAN, J. *A angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2005. (O Seminário, 10)
- LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.
- LACAN, J. *As psicoses* (1955-1956). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1988. (O Seminário, 3)
- LACAN, J. Conferência de Genebra sobre o sintoma (1975). *Opção Lacaniana*. São Paulo, n. 23, p. 6-16, 1998.
- LACAN, J. *De um discurso que não fosse semblante* (1971). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2009. (O Seminário, 18)

“Na areia da carne” : por uma clínica psicanalítica dos fenômenos psicossomáticos

- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem (1953). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.
- LACAN, J. *Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1985. (O Seminário, 20)
- LACAN, J. *O ato psicanalítico* (1967-1968). Escola de Estudos Psicanalíticos. Publicação para circulação interna e uso dos membros. 2004.
- LACAN, J. O lugar da psicanálise na medicina (1966). *Opção Lacaniana*, n. 32, p. 8-14, dez. 2001.
- LACAN, J. *O saber do psicanalista* (1971-1972). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. Publicação para circulação interna, não comercial. 1997.
- LACAN, J. *O Sinthoma* (1975-1976). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2007. (O Seminário, 23)
- LACAN, J. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1998. (O Seminário, 11)
- LACAN, J. Posição do inconsciente (1960). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.
- MANSO, R; CALDAS, H. Escrita no corpo: gozo e laço social. *Revista Ágora*. Rio de Janeiro, v. 16, p. 109-126, 2013.
- RAMIREZ, H. H. A.; ASSADI, T. C.; DUNKER, C. I. L. *A pele como litoral: fenômeno psicossomático e psicanálise*. São Paulo: Annablume, 2011.
- RINALDI, D.; NICOLAU, R. F.; PITANGA, C. E. G. do A. Do fenômeno psicossomático ao sintoma: a aderência do sujeito ao diagnóstico médico e o trabalho analítico. *Revista Ágora*. Rio de Janeiro, v. 16, p. 95-108, 2013.
- VEGH, I. *O próximo: enlaces e desenlaces do gozo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- VIVÈS, J-M. *A voz na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.
- WARTEL, R. et al. *Psicossomática e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

**Manuela Lanius**

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro/RJ, Brasil. manuelalanus@gmail.com